

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

COM VISTA AO «COMMERCIO DE PORTUGAL», pelo P.^o Senna Freitas.—
 SECÇÃO RELIGIOSA: *A questão operaria, discurso pronunciado na igreja da Magdalena em Paris, a favor da junta central das associações catholicas, em 1 de fevereiro*, por Monsenhor Bispo de Angers, (continuação); *Pastoral do Arcebispo de Paris*.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A perversão philosophica*, pelo Padre Chrispim Cactano Ferreira Tavares, (continuação); *Discurso de M. Dumas, secretario da Academia franceza, em resposta ao discurso de admisão de Taine*, (conclusão).—SECÇÃO LITTERARIA: *Meditações diante das ruinas do mosteiro da Serra d'Ossa*, por Um soldado portuguez; *Voltaire*, poesia de Chateaubriand, traducção de Mendes Leal; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas, (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE MAIO

Com vista ao «Commercio de Portugal»

No numero 262 do «Commercio de Portugal», que se imprime em Lisboa, o distincto localista consagrou-me um par de linhas, sob a epigraphe—Conferencias Catholicas em Guimarães—. Não demorei por mais tempo o dar a s. exc.^a os meus cordeaes pêsames pela pouca sensatez e verdade das suas observações, pedindo-lhe me permitta consagrar-lhe por minha vez as seguintes erratas.

Se o collega não alludisse a um facto que com certeza passou commigo, pois fui eu quem

inaugurei em Guimarães a *Conferencia de S. Vicente de Paulo*, não viria eu agora á imprensa responder-lhe, porque s. exc.^a refere-se unicamente, como declara na sua extensa local, ao «jesuita» Senna Freitas, padre que eu não conheço nem de vista nem de nome, e que por tanto não ousaria defender. O que subscreve estas linhas é sacerdote da Congregação de S. Vicente de Paulo, não traz as divisas ignacianas, não tem a subida honra de pertencer á Companhia de Jesus. Mas dou a falsa designação de barato; servi-me só para verificar que infelizmente o collega conhece tão bem o obscuro inaugurador da Conferencia como a natureza d'ella, segundo se depreheende do contexto da local.

Então, pelo que vejo, s. exc.^a escandalisa-se de que eu escolhesse uma salla que não uma igreja para o estabelecimento da mencionada sociedade, e affligesse todo de me vêr «sob os artesões dourados», illuminado «aos reverberos artificiaes das luzes dos lampadarios custosos d'um solar»? Não se escandalise nem se afflija de graça. A igreja é para os actos do culto, para as ceremonias religiosas, para os discursos sagrados; não era, por consequente, lugar azado para inaugurar uma conferencia secular de caridade. Escolheu-se um dos salões do palacete do exc.^m snr. Conde de Villa-Pouca, por não haver em Guimarães nenhum salão que offerecesse as condições que este offerece para uma reunião publica. Se lá houvesse outro lo-

cal de iguaes dimensões, ainda quando fôra um barracão, ter-se-hia escolhido do mesmo modo. Tirada assim a limpo a razão da preferencia, torna-se o facto simplicissimo, e o escandalo méramente pharisaico, com perdão de palavra.

Demais, embora o posto *official* do padre seja a igreja, a sua missão não é só lá, é em toda a parte, porque não existe recinto algum onde não possa e onde não deva penetrar a verdade christã de que elle é o apóstolo nato, e a benefica acção da caridade de que elle é ou deve ser o dispensador d'officio.

Nem diga o collega, á conta da mesma improvação, que «Jesus... fez o seu apóstolado entre os pequeninos e os humildes...», procurando levar a *boa nova* ás mansões modestas e pobres,» accrescentando em conclusão final, que «lhe siga (eu) o exemplo.» Consinta que lhe diga que se engana. Se o Evangelho do amavel censor não é truncado, lá verá que Jesus não desherdou os ricos e os nobres, porque tambem elles são candidatos ao céu, e que, se visitava os pobres e se assentava á sua meza, tambem visitou o Centurião (chefe de centuria romana), Jairo (chefe de synagoga), Zacheo, Simão o Leproso, e Lazaro, judeos abastados, segundo os Evangelhos dos Apóstolos, apesar de tambem o affirmar até o Evangelho segundo Renan.

Eu sinto esta observação do illustre localista, não tanto por mim, como por causa de outros collegas meus, por exemplo, do snr. padre Antonio Candido, que

por muitas vezes discursou em diferentes salões, tanto em Coimbra como já em Lisboa, sem ser de mais a mais para estabelecer nenhuma associação de beneficencia, nem para pleitear nenhuma ideia propriamente religiosa. O collega ainda até hoje lh'o não exprobrou, mas é *provavel* que tambem elle caia, mais dia menos dia, debaixo da censura jornalística do bem occulado e imparcial critico. Lá se defende a victima, como puder.

Em ultima analyse, creia s. exc.^a que, ainda quando eu fallasse n'um templo que não no salão franqueado por um conspicuo cavalheiro, os vereadores do nosso ministerio nem lá me deixariam incolume ou me achariam no meu posto, e do alto da sua exegese interpretariam o sentido das minhas palavras e saberiam descobrir debaixo d'ellas o plano sinistro de «capciosas ambições». Escuso de citar «Farpas» e talvez «Commercios» para illustrar este asserto.

«Invocam, diz mais o localista, o nome de S. Vicente de Paulo, o sublime instituidor dos asylos de creanças. Abençoada seria a ideia, se se realisasse ella na educação das creancinhas, logrando crear n'ellas boas e exemplares mães de familia etc. Abençoada seria a ideia se lhes não inoculassem no espirito innocente o esquecimento da familia, das amoraveis affeições do lar...» Não dizia eu ha pouco que o collega não conhecia a natureza da Conferencia de S. Vicente de Paulo? Mas então para que se mette a dissertar sobre ella? Vêzo de fazer critica a troche-moche, ou prurido de apreciar as cousas *à vol d'oiseau*, como algum apreciou ultimamente Portugal...

S. Vicente de Paulo não foi só o fundador dos asylos para a infancia desvalida, foi tambem o fundador das irmãs de caridade, das casas de regeneração para as mulheres cahidas, das

crèches, dos hospitaes d'invalidos, e bem assim foi o inspirador das *Conferencias*, que trazem o seu nome e de que n'este momento me occupo. O fim d'ellas é soccorrer as familias envergonhadas, dando-lhes de comer e vestir, quer dizer, matando-lhes a fome, cobrindo-lhes a nudez, enxugando-lhes as lagrimas. E' tudo. Aqui tem o meu critico como o homem que escreve estas linhas desestima e «esquece a familia», e proscreeve as «amoraveis affeições do lar»; aqui tem a obra de «fanatismo e de erro», cujo caminho eu fui apontar aos cavalheiros que convidei para socios da mencionada conferencia. A de Braga, impulsionada por quejando fanatismo, sustenta noventa pobres em domicilio, e a do Porto sessenta, além de os vestir, e olhar-lhes pela conveniente collocação dos filhos. Quem déra d'estes fanatismos a flux em todo o Portugal, onde a pobreza, com a apertada conjunctura creada ao proletariado e ás classes menos remediadas, pela grande irregularidade atmospherica dos ultimos annos, sóbe como uma ameaça de inundação. E' um fanatismo de *obras* verdadeiramente utilitarias, que vale mais que as *palavras* que o condemnam.

Se a recente instituição vimeranense é outra cousa do que o que acabo de referir, ou mais do que referi, diga-o o preopinante bem alto, e prove-o, mas, por Deus, não arremetta, como o lendario cavalleiro manchego, contra moinhos de vento.

Ninguem como os homens sincera e rasgadamente liberaes deveriam applaudir o pensamento da beneficencia em todas as suas genuinas manifestações, e a Conferencia é uma das mais sympathicas. Trouxe ella, porém, comsigo um vicio de nascença; foi creada, não por um homem de avental, senão por um homem de sotaina, que blasona, ainda por cima, de estar arrolado nas

gloriosas fileiras d'aquella reacção, que é o respeito do bem, contra aquella liberdade desenfreada, que é o respeito do mal. Em summa, faltou-lhe o carimbo da *loja*.

Passa em seguida s. exc.^a a dar-me um conselho d'amigo, que desde já lhe agradeço penhorado. Tenho-o por sincero, e pela expressão de um sentimento tão nobre como christão, apesar das palavras lisongeiras de que em parte o reveste. «O padre Senna Freitas, diz s. exc.^a, cujo talento e illustração (supponhamos) o tornariam um prestante missionario nas nossas colonias d'alem-mar, seria verdadeiramente benemerito se... tomasse a cruz de missionario e fosse mar em fóra, provar que tem a verdadeira idéa do Evangelho de Jesus, etc.» Se fosse de mar em fóra para longes terras? De lá vim eu, ha seis annos, meu caro senhor! Ti-nha apenas os meus 24, quando parti de Paris, onde cursei os estudos theologicos, para o inhospito clima do Brasil, em cujos certões permaneci e missionei por espaço de perto de nove annos no meio dos caboclos d'aquelle Imperio. Curti os ardores do seu sol calcinante, e debaixo dos seus raios atravesssei a cavallo as montanhas de Minas Geraes e Bahia e as vastas chapadas do Ceará; bebi a agua lodosa dos seus pantanos, só tive muitas vezes por abrigo durante a noite os par-dieiros esburacados das estradas, e por alimento uns fios de carne secca perdidos em farinha de pau crúa. O templo em que pré-gava só tinha por tecto quasi sempre o céu abrazado d'aquelle paiz dos tropicos, o meu pulpito eram tres taboas pregadas sobre quatro espeques, e o meu descanso depois de uma hora de sermão era confessar os indigenas até á meia noite. Não me queixo de semelhante viver. Ainda hoje estaria no Brasil, se uma angina chronica, seguida de uma

bronchite renitente e de uma anemia pronunciada me não forçasse a fazer-me na volta da patria e a demandar o seu clima por ventura mais salubre e benigno. Hoje pouco posso; debato-me em vão contra a impotencia de um organismo arruinado, mas, ainda assim, não tendo já robusta saude para prodigalisal-a aos de longe, tentôo a que ainda me resta para distribuil-a economicamente aos de perto. E a experiencia demonstra-me que, embora me não seja necessaria actualmente tanta «dedicação» como outr'ora, alguma é precisa para supportar que o bem que se busca fazer seja parodiado com as côres de «capciosas ambições.»

Não entendo que «o sol immenso que nos aquece e illumina» n'este nosso Portugal, dispense a presença do padre, muito menos d'aquelles a quem o collega chama «arrojados, intelligentes e illustrados,» porque esse sol é o sol da civilização e a civilização verdadeira é a que se inspira no christianismo, e o christianismo não existe sem o clero. Os desamparados pagãos chamam-nos do scio dos seus palmares e da sua rudeza selvagem, mas tambem entre nós, em pleno Portugal, vemos installado o paganismo, que outra cousa não é o sensualismo protervo dos nossos costumes sociaes, (sobretudo n'essa côrte) e a affectada ignorancia da religião do Estado. Temos tambem por cá o paganismo e um paganismo peor que o dos cafres, porque é um paganismo voluntario ou a abdicação consciente do christianismo. Não são só nem principalmente fios, carris, e *railways* americanos que fazem a civilização de um povo.

Creia s. exc.³ que, conservando-me em Portugal, posso considerar-me até certo ponto, como o missionario na China, *in partibus infidelium*, immune da perseguição physica, mas não

inteiramente immune da perseguição moral.

Faço por aqui ponto, depois de agradecer ao localista as phrasas encomiasticas que me consagra.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

A QUESTÃO OPERARIA

DISCURSO PRONUNCIADO
POR MONSENHOR BISPO DE ANGERS
NA EGREJA DA MAGDALENA, EM
PARIZ, A FAVOR DA JUNTA CENTRAL
DAS ASSOCIAÇÕES CATHOLICAS,
EM 1 DE FEVEREIRO DE 1880.

(Continuado do n.º anterior)

Os resultados d'esta propaganda irreligiosa nas populações operarias temol-as bem manifestas debaixo de nossos olhos. Aonde estão, ao domingo, onde estão, nas vossas egrejas de Paris, estas centenas de milhares d'homens que enchem vossas officinas e vossas fabricas? Salvo algum pequeno numero, occupa a religião por ventura algum espaço em sua vida? Pensam elles um só instante por dia em Deus, no Christo Redemptor, em sua alma e em seus destinos immortaes? Quando o odio ao padre lhes não abre os labios á blasphemia será certo que uma indifferença completa não tenha seu coração fechado a todo o pensamento, a todo o sentimento religioso? E a Egreja, contristada com semelhante espectáculo, não se acha muitas vezes reduzida a julgar-se feliz, quando depois de ter sido chamada a abençoar seu berço, se não vê repellida de seu leito de morte, no momento em que vem trazer-lhe um ultimo soccorro e uma suprema consolação?

Que doloroso contraste, meus irmãos, com esses corpos industriaes, com essas corporações operarias que no decurso de tão longos seculos tinham sido para a Egreja uma honra e uma força! Ora, eu o repito, eis ahí o que dá tanta gravidade á questão de que se preocupam em nossos dias todos os espiritos serios. Porque a vida inteira toma uma direcção ou outra segundo domina a fé em uma alma ou d'ella se aparta. A homens que longe de se encerrarem nos limites de sua existencia terrestre a consideram como

uma simples preparação para destinos eternos, pode-se prégar com resultado a moderação nos desejos, o respeito dos direitos d'outrém, a submissão á ordem estabelecida por Deus, a paciencia, o sacrificio, a resignação. Por mais penosa que possa ser sua condição, estas grandes palavras da linguagem christã tem um sentido para seu espirito e acham occo em seu coração. Mas para quem tudo acaba com a morte, para quem o nada é a ultima palavra do destino, para esses não se trata mais que de procurar-lhes n'este mundo a maior somma possível de gozos. Que importa fallar-lhes de sacrificio da resignação? áquelle que não tem sobre a terra senão o trabalho de suas mãos e que nada espera do céu, a desigualdade das condições parecer-lhe-ha uma injustiça, a propriedade uma usurpação, o capital uma tyrannia, a riqueza um insulto á sua pobreza. E quando sobre as ruinas da fé religiosa semelhantes sentimentos penetram em uma multidão de homens dominados pela paixão do bem-estar e por uma sede insaciavel de gozos, como é possível não reconhecer que está ali, para a ordem social, um immenso perigo? Ah! eu bem o sei, ha felizes aventureiros que porque chegaram ao fastigio das riquezas e das honras se admiram de que possa haver um só homem que tenha razão de lastimar-se, aventureiros que esquecendo os meios aos quaes devem a sua fortuna, se contentam hoje, por toda a complacencia, de lançar soberbamente á multidão dos trabalhadores estas palavras da ambição satisfeita: «Não ha questão operaria, o socialismo não passa d'um phantasma.» Estes representam o seu papel, não vendo na classe operaria mais que um pedestal para se elevarem ao poder. Mas nós, christãos, que devemos antes de tudo procurar a justiça e verdade não hesitamos em dizer o que além de tudo é evidente para todo aquelle que não quer cegar-se a si mesmo: em quanto a religião christã não tiver recuperado seu imperio sobre a massa do povo, haverá uma questão operaria, e esta questão será no futuro a mais formidavel de todas.

III

Fidelis sermo est, et de his volo te confirmare, ut curent bonis operibus præesse qui credunt Deo: «E' esta uma verdade incontestavel e na qual desejo confirmeis os fieis afim de que tenham cuidado de se collocarem á frente das boas obras.» Eis aqui, meus irmãos, o dever que incumbe aos catholicos diante da questão operaria, tal como ella veio apresentar-se no

meio do mundo moderno. O seu lugar é á frente de toda a obra de restauração social, porque elles possuem as doutrinas e os meios d'acção os unicos que podem assegurar o bom resultado. Não se trata, como alguns imaginam que é esse o nosso pensamento com mais habilidade que justiça, não se trata em materia de economia christã de voltar pura e simplesmente ao passado. Nós sabemos como elles, que se não resuscitam os seculos assim como se não resuscitam os mortos. Cada epoca tem sua plisionomia propria, e as instituições humanas modificam-se no curso das edades segundo as necessidades que as determinam e segundo os interesses que são chamadas a servir e a proteger. Por mais admiravel e fecundo que tenha podido ser o papel das antigas corporações operarias, nem os seus monopólios nem os seus privilegios responderiam ás condições da industria moderna. São fórmulas historicas que nada tem de absoluto no ponto de vista do direito e da ordem social. Mas ao lado d'estes elementos variaveis, ha principios que não mudam; ha instituições exigidas pela mesma natureza das coisas. Pertence á Igreja, como guarda da justiça e da caridade, conservar intactos estes principios a fim de fazer que elles beneficiem os povos em todos os momentos da sua historia. Ella é chamada a desempenhar este papel social em nossos dias como o fôra nos seculos precedentes. E entre o individualismo que sob pretexto de liberdade condemna o operario ao isolamento, sem apoio, e sem laço, e o socialismo que, tomando a tyrannia por auctoridade, quereria absorver todas as forças e todas as actividades individuaes no estado, a economia christã, conservando-se a igual distancia d'un e d'outro, sabe conciliar a auctoridade com a liberdade, applicando á questão operaria os dous principios eminentemente fecundos do patronato e da associação.

É primeiramente o patronato christão. É uma verdade incontestavel, meus irmãos, que toda a vantagem da posição ou da fortuna corresponde a um cargo e que nenhuma superioridade pôde caber por sorte a um homem sem lhe crear deveres ao mesmo tempo. Assim acontece a respeito do talento, da riqueza e do poder sob todas as suas fórmulas. Estes dons da Providencia, ninguém os recebe unicamente para si mesmo, mas ainda, mas sobre tudo para os outros. Assim como o pae na familia, ou o soberano no estado, ou o padre na igreja, o chefe de industria não pôde ser indifferente ao bem estar e á moralidade d'aquelles que trabalham sob

sua direcção. Porque elle exerce tambem uma sorte de paternidade; elle desempenha um dever de protecção e de vigilancia; elle tem encargo d'almas, no verdadeiro sentido da palavra. Era sobre este sentido da paternidade social que estavam fundadas as antigas corporações operarias: d'elle lhes vinha sua força e sua duração; restaura-o em toda a sua plenitude, é um primeiro e poderoso elemento de solução para a grande questão de que fallo.

Vêdes este chefe de industria penetrado da ideia e das obrigações do patronato christão? Elle não limita o seu dever ao que exige uma justiça rigorosa: a fidelidade nos contractos, o respeito dos compromissos reciprocos, uma proporção equitativa entre o trabalho e o salario, entre a fadiga e a remuneração. Seus esforços vão mais longe com a mesma função de que elle se acha investido.

(Continua).

Erratas

A pag. 161 onde se lê quasi no fim da 1.ª columna: *a estas corporações operarias, a estes grupos sociaes* —leia-se: estas corporações operarias, estes grupos sociaes.

Na mesma pag. no principio da 2.ª columna onde se lê: *susceptivel n'um momento dado de multidões* —leia-se: susceptivel, n'um momento dado, de sublevar multidões.

PASTORAL DO ARCEBISPO DE PARIS

JOSÉ HIPOLITO GUIBERT, pela misericórdia de Deus e por mercê da Santa Sé Apostolica, Cardeal Sacerdote da Santa Igreja Romana do titulo que S. João da Portaltina, Arcebispo de Paris.

AO CLERO E AOS FIEIS DA NOSSA DIOCESE, SAUDE E BENÇÃO EM NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

Carissimos irmãos, a instituição da quaresma é sem duvida uma das mais santas e das mais salutaes instituições da Igreja Catholica: pois que na phrase de S. Leão Papa, se no decurso do anno somos amiudadamente distraídos do pensamento de Deus e da eternidade pelos cuidados da vida presente, é-nos eminentemente util consagrarmos mais especialmente algumas semanas á oração e ao exame de nossa alma.

Sob a influencia das supplicas mais fervorosas de toda a Igreja e da graça mais abundante annexa á memoria da Paixão do Salvador, sente-se o christão impellido a purificar-se pela penitencia; melhor comprehende o fim supremo da vida, e tambem experimenta mais viva confiança na misericórdia em perdoar; e até os homens alheios á pratica do christianismo não atravessam este tempo de salvação sem sentirem sua salutar influencia. Todos andamos mais dispostos a receber o ensino da religião e por isso é que cada anno pela occasião da quaresma os primeiros pastores dirigem aos fieis as instrucções que julgam mais uteis para o bem das almas. Quereamos, carissimos irmãos, entreter-vos este anno sobre uma das questões mais graves, melhor seria talvez dizer-vos, a mais grave do tempo presente: a educação christã de vossos filhos.

Deve a educação ser dirigida pelos principios do christianismo, dos quaes a Igreja é a fiel depositaria? ou então, segundo pensar dos innovadores, deve ella ser liberta de todo o ensino religioso? Esta é a questão que não só se debate nos livros mas que se impõe nos factos; questão soberanamente importante, pois que o futuro da sociedade depende da educação da mocidade; questão temivel, pois que o errar em sua solução pôde trazer consigo ruinas irreparaveis. Pastor de vossas almas não podemos deixar de tomar parte em uma controversia que toca á vossa salvação e á de vossos filhos. No dia em que o Salvador tomou um menino e collocando-o no meio de seus apóstolos o abençoou, dizendo: deixae que os meninos venham a mim, recebeu a Igreja a missão de trabalhar na formação da mocidade e a historia affirmar que sempre foi fiel a esta missão. Pôde a incredulidade e o odio dirigir contra a Esposa immaculada de Jesus Christo apaixonados ataques não conseguirão, porém, apagar os vestigios da acção salutar que Ella por meio do ensino exerce sobre as gerações passadas.

Que a educação não pôde ser separada da religião, é uma verdade reconhecida pela sabedoria dos seculos, e que se infere da condição da propria natureza humana. Contra esta verdade formou-se em nossos dias um partido affirmando que toda a doutrina religiosa deve ser banida para longe das escolas; que o menino n'ellas só deve receber as noções litterarias e scientificas. Resume o seu systema n'esta phrase que transforma em axioma: *A escola deve ser leiga.*

Antes de tudo, irmãos carissimos,

importa bem determinarmos o sentido d'esta maxima equivoca. Não se trata, com effeito, na controversia actual, de saber se os estabelecimentos escolares devem ser dirigidos por mestres leigos ou por mestres pertencentes ás congregações religiosas. Evidente é que homens que fazem profissão de vida religiosa nunca poderão admitir que a religião deva ser alheia ao seu ensino. Por um estranho abuso, a palavra *leigo* é empregada para exprimir a negação de toda a noção religiosa do ensino; como se os mestres que vivem na condição de leigos não podessem e não devessem conservar a educação o seu caracter religioso. Não nos accusem, pois, que desnaturalizamos o sentido da fórmula hoje tão amiudadas vezes repetida, a *eschola leiga*. Basta ler os jornaes, as revistas, as obras compostas pelos homens que louvam o novo systema, para conhecer a verdadeira significação dos termos empregados pelos innovadores.

O bom senso popular não se enganou traduzindo:—*eschola leiga*, por —*eschola sem Deus*. Demais, os ensaios que se fizeram para pôr em practica este systema d'elle nos offerecem cabal interpretação. Ora semelhante doutrina está em contradicção com a experiencia de todos os tempos. Sempre e por toda a parte se entendeu que a religião entrava como parte integrante da educação da mocidade. Pelo meiado do seculo passado, um homem cujo espirito judicioso e practico ninguém pôde contestar (1), escrevia no principio no seu *Tratado dos Estudos* estas judiciosas advertencias: «A universidade de Paris fundada pelos Reis de França com o fim de trabalhar na educação da mocidade, propõe-se n'esta tão importante tarefa tres cousas, a saber: a sciencia, os costumes, a religião. Seu primeiro alvo é cultivar o espirito dos mancebos e ornal-o com todos os conhecimentos de que então são capazes; depois applica-se a rectificar e dirigir seu coração por meio de principios de honra e de probidade para tornal-os bons cidadãos. Em fim procura acabar e perfazer o que até então só delineou e trabalha, por assim dizer, para dar a ultima mão á sua obra formando n'elles o homem christão». Não sei que melhor possam serem resumidas em poucas palavras as tradições da nossa educação nacional.

Na verdade, irmãos carissimos, poderia imaginar-se outro methodo de educação, se considerarmos, bem que

de leve, as condições essenciaes da natureza humana?

O homera, obra prima das mãos de Deus, ser composto de uma alma intelligente, e de um corpo maravilhosamente talhado para servir de instrumento ás operações do seu espirito, deve antes de tudo aprender a conhecer o seu Creador. O Poeta antigo, nos lindos versos que mais de uma vez temos repetido, mostra nos os animaes curvados para a terra, e só o homem a prumo e voltando nobres olhares para o céo. E quereríeis vós que o menino fosse systematicamente educado na ignorancia de Deus! Quereríeis que nonhumana resposta fosse dada á questão que á sua alma se dirige quando pela vez primeira accorda á luz da intelligencia: Para que estou eu n'este mundo? Responde a cartilha com uma simplicidade que é o sello da propria verdade: Creou-nos Deus para conhecel-o, amal-o, servil-o e merecer a vida eterna.

O christianismo, aperfeiçoando as luzes da razão natural, desenvolve successivamente perante o mancebo os ensinios que nos deixou no evangelho Christo S. N., e que nos conserva a Igreja com inviolavel fidelidade.

Solidamente estribada nos dogmas da fé, a moral christã traça, de um modo luminoso, ao joven os deveres que lhe será mister cumprir na vida. Repete lhe os dois importantes preceitos que são um como resumo de toda lei: Amareis ao Senhor vosso Deus de todo vosso coração, de toda vossa alma e com todas as vossas forças e ao proximo com a vós mesmos.

Não pára ahi. Não se cinge a educação a allumiar a intelligencia, fórma tambem o coração á pratica da virtude. A oração, os exercicios da religião unidos com a instrucção da infancia, são a educação do coração e da vontade amoldando-se pouco a pouco aos habitos virtuosos com o auxilio da graça divina.

Ouvi, irmãos carissimos, a voz de um dos apologistas mais eloquentes do nosso seculo, refutando os mesmismos erros, que no fim do seculo passado já se propalavam. «Se jámais houve um projecto fecundo em desastres e capaz de transtornar todo o mundo, sem duvida era o de quebrar os laços que prendem o homem á Divindade, de procurar fóra dos principios religiosos a fonte da virtude e da ordem n'este mundo e de querer estabelecer uma moral, uma sociedade sem religião... Almejar uma moral sem religião, é querer um edificio sem alicerces, legislação sem legislador. Quanto seria para lastimar a virtude, accrescenta o mesmo auctor, se só ti-

vesse por apoio a areia movediça das humanas opiniões.» (2)

O bispo de Hermopolis tinha direito a fallar d'este modo depois da dolorosa experiencia que acabava de fazer a França do systema d'educação que hoje queriam rehabilitar de novo.

Nada, porém, iguala, a energia de linguagem do celebre estadista, o qual em 1802 advogava na camara franceza a necessidade da restauração religiosa e nos termos seguintes resumia os votos de todos os cidadãos intelligentes e honestos das assembleas departamentaes: «Tempo é, dizia Portalis, que as theorias se calem perante os factos. Não ha instrucção sem educação, não ha moral sem religião. Em vão ensinaram os lentes, porque imprudentemente se proclamou que nunca deviam fallar em religião nas escholas. Nulla é a instrucção de dez annos para cá; é mister que a religião seja a base da educação. Os meninos andam entregues ao ocio o mais perigoso, á vagabundagem a mais assustadora. Não teem ideias da divindade, não teem noções do justo e do injusto. D'ahi costumes crueis e barbaros; d'ahi um povo feroz. Se se comparar a instrucção com o que deveria ser, só se pôde gemer sobre a sorte que ameaça as gerações presentes e futuras.

D'este modo toda a França, conclue Portalis, invoca a religião em defesa da moral e da sociedade.»

Supprimir na eschola o ensino da religião não é pois adiantar no caminho do progresso, é recuar 18 seculos atraz.

Lá está a historia para ensinar-nos os erros e as incertezas das mais bellas intelligencias antes que J. C. viesse trazer o evangelho ao mundo. A superioridade da doutrina christã sobre o systema dos philosophos mais illustres é tão brilhante que ninguém ha que possa contestal-a. Banir para longe das escholas os divinos ensinios que tão poderosamente contribuíram á formação das sociedades modernas, seria voltar de novo ás duvidas e ás negações do mundo pagão.

(Continua).

(2) FRAISSINOU—*Conf. Les principes religieuses, fondament de la moral et de la société.*

(1) ROLIN, *Traité des Études: discours Préliminaire.*

SECÇÃO SCIENTIFICA

A perversão philosophica

II

(Continuado do n.º antecedente)

Que malvadeza de Krause! Pretende fazer crêr aos incautos que sua doutrina está em harmonia com o christianismo, quando é inteiramente oposta aos ensinamentos christãos!

Krause vai ainda mais longe: pretende fazer crêr aos seus leitores que seu pantheismo está em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja!!! Eis como se exprime:

«O que eu tenho dito acima do que tudo, incluso o espirito, existe em Deus, so encontra de um modo expresso nos Padres da Igreja christã e singularmente em Santo Agostinho».

Não temos expressões para qualificar o procedimento de um escriptor tão perfido e tão atrevido que attribue aos Padres da Igreja e singularmente a Santo Agostinho um erro tão detestavel como é o pantheismo, que como já vimos no artigo passado é um atheismo disfarçado.

A expressão — *tudo existe em Deus* — na bocca de Krause é claramente pantheistica. Com effeito, Krause diz que não ha ser no universo que não seja da *mesma essencia de Deus*, que não seja *essenciado* por Deus, que não seja divino: que todo este mundo que vemos está contido na essencia de Deus, não *virtualiter et eminenter*, mas *materialiter*, como o carvalho está contido na bolota. Houve acaso algum Padre da Igreja que sustentasse esta abominavel doutrina? Não, nenhum; e um texto que Krause cita de Santo Agostinho prova exactamente o contrario do que Krause pretende. Eis as palavras que o malvado Krause cita do Santo Doutor de Hippo: «*Deus est, supra quem, extra quem, et sine quo nihil est, sed sub quo, et cum quo omne est, quod vere est. Et omnia igitur sunt in ipso et tamen ipse Deus omnium locus non est. Religet religio nos ei, a quo sumus, per quem sumus, et in quo sumus.*»

Este texto bem longe de provar coisa alguma a favor do pantheismo, contém a explicita condemnação d'elle. Com effeito segundo o Santo Doutor ha cousas distinctas de Deus as quaes tecem *verdadeiro ser*: *Deus est... cum quo omne est, QUOD VERE EST*, o que existe com Deus por uma maneira eminentissima sem mistura de imperfeição e sem alterar em nada absolu-

tamente a perfeita unidade e simplicidade do ser divino; doutrina essencialmente contraria á dos pantheistas, que só admittem um ser unico, do qual são meros phenomenos ou determinações os seres individuaes do universo.

Mais. Quem haverá tão falto de senso commum que se persuada que houvesse jámais apologistas christão ou Santo Padre que defendesse o pantheismo, que, sendo um atheismo mascarado, é por isso mesmo a negação da religião?

Que é a religião considerada em sua expressão mais geral? A religião, diz o sabio Gonzalez, é a relação do homem com Deus. Logo, o pantheismo ao estabelecer a unidade de substancia, destroe necessariamente a religião; porque uma cousa não se refere a si mesma. Em quanto o homem é considerado como ser individual, distincto substancialmente de Deus, o homem poderá elevar-se para Deus por meio da religião e a religião será uma verdade: porém desde o momento em que o homem se nos apresenta como a substancia mesma de Deus, ou como um phenomeno e modo de ser da divindade, a religião deixa de ser uma verdade, e o pantheismo ao absorver o homem no grande todo absorve tambem todas as relações religiosas com Deus. Não se pôde pôr em duvida a necessidade logica d'esta deducção, por mais que a maior parte dos pantheistas se esforcem em apartar a vista d'ella, espantados do abysmo que se occulta atraz de semelhante deducção. Todavia é tão incontestavel que o pantheismo gravita irresistivelmente para este abysmo que a negação de toda a religião apparece sempre como o ultimo termo de seus dogmas fundamentaes.

Ora é possivel que os «Padres da Igreja christã e singularmente Santo Agostinho» defendessem o pantheismo, elles que estavam sempre promptos a derramar seu proprio sangue em defesa da religião catholica? Não, mil vezes não.

No artigo seguinte refutaremos outros erros do impio Krause.

(Continúa).

P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares

Discurso de M. Dumas, secretario da Academia franceza, em resposta ao discurso de admissão de Taine.

(Conclusão do n.º 10).

Ha alguns mil annos, parado á beira-

mar, armado só do seu pensamento, o homem contemplava com audacia curiosa essa immensidade que o arrebatava, e esse globo ardente de fogo, sahindo pela manhã debaixo das ondas, para á tarde ahi de novo se mergulhar, depois de haver descripto a sua curva no céu; entretanto o bicho da seda no seu casulo e a abelha no seu favo procediam machinalmente em seus monotonos trabalhos. Hoje vencedor do oceano, o homem por passeio faz o gyro da terra em algumas semanas, e o curso do sol desvelado obedece aos calculos da astronomia, ao passo que o bicho da seda conserva ainda a sua apertada prisão, balouçando a cabeça com um movimento automatico, e a abelha faz a mesma cera, a mesma cellula, com a mesma fórma geometrica, do que nossa razão conhece a lei e a sua intelligencia ignorará sempre o segredo.

Mas perdão; accusar-me-heis, senhor, de cahir n'essa *philosophia litteraria*, que vós taxaes com algum desdem de *rhetorica elegante e profunda*, na obra que consagrastes ás opiniões dos *philosophos classicos do seculo XIX*; estou prestes a seguir-vos n'este ponto.

A *philosophia* é a vossa musa. Presente ou ausente, dá um caracter pessoal a todas as vossas composições. Falaes a sua lingua familiarmente, com uma interpretação profunda, mas fiel. Sabeis dar um torneio azado a todas as suas formulas, ainda as mais abstractas; e, se algum de nossos auctores dramaticos sonhasse levar á scena as novas theorias *philosophicas*, como *Molière* o fez com tanta graça e segurança com relação ás velhas doutrinas da antiga escola, é em vossos escriptos que lhes encontraria as definições traduzidas n'essa prosa um pouco brusca, mas limpida, que convém á linguagem do povo.

Trata-se de apreciar o talento e definir o papel de cada mestre, encarregado com diverso caracter, de presidir, ha um meio seculo, á direcção da *philosophia franceza*?

Diante de vós as difficuldades desaparecem.

Não é, fallando de vossas prelecções que o mais espirital de nossos predecessores podéra dizer: quando era joven, ensinavam-me a *philosophia*, e já então começava a nada intender d'isso! (*Riso*). A vossa analyse nata e precisa desenvolve os pontos obscuros atravez da lucidez de *Laromiguiere*; dissipa as nuvens de *Maine de Biron*; apparece *sympathica* em face de *Jouffroy*, para se

alevantar apodadora no momento de julgar o eclectismo.

Póde suspeitar-se do vosso ponto de vista, resistir ás vossas conclusões; mas nem por isso se dá menos justiça á vossa critica irresistivel, e ás vossas leaes convicções.

A Laromiguiere faltava-lhe profundidade; mas que mestre seductor! «A conversação d'elle, direis, tinha uma graça de que ninguém podia livrar-se, e as suas preleções foram uma conversação. O gesto raro, a voz doce e graduada, e enquanto os olhos se abrilhantavam com a luz da intelligencia, a bocca, meio-sorrindo, e por vezes gracejadora, ajuntava as seducções da graça ao ascendente da verdade. Era com a philosophia como o homem honrado em sua sala; fazia-lhe as honras n'um bom tom, e com uma polidez exquisita».

Esta pintura que nada tem de exagerado, representa bem o professor de philosophia franceza dos tempos modernos, tal qual desejamos encontrar-o em Sorbonna e no Collegio de França, onde a tradição d'elle se não perdeu ainda, e tal qual vós mesmo o houvoreis realiado, (o escolhido auditorio que me rodeia é prestes a attestal-o), se vos conservasseis na cadeira publica.

Maine de Biron tinha mais vigor, mas era tão tenebroso que não julgo occasião opportuna para d'elle citar algumas passagens. (Riso). E' de lastimar, senhor, pois estaes bem perto do verdadeiro comico, permanecendo comtudo um phylosopho exacto, quando pondeis em parallelo as suas longas sentenças em triplicado nebulosas, e as curtas traducções, tão sincera como lucidas, que d'ollas daes. Humboldt, de quem citaes a cada passo o agradavel bosquejo, e que escrevia em francez as suas obras principaes, pretendia que seus compatriotas tem dois modos de ser claros: o claro, e o claro escuro; (Riso) — o primeiro, jámais o empregam (Riso), o segundo, sempre, accrescenta elle com sua maliciosa ingenuidade. Maine de Biron pertencia a esta escola; e, se o claro-escuro não existisse ainda, elle seria o seu inventor. (Riso).

Não vos deixastes seduzir pelo eclectismo, e consideraes M. Cousin como um modelo raro, cujo estylo é comtudo mais applicavel á discussão das verdades medianas que á das altas especulações methaphysicas. «As verdades medianas são as unicas que pódem ser tratadas n'uma boa linguagem, as que abrem um largo campo ao orador; pois que além do dever que tem de convencer, ellas lhe impõem o de tocar e deleitar». M.

Cousin é um mestre n'este genero; escreveu algumas paginas tão amplas e magestosas, que parecem do seculo XVII, e que não são de modo nenhum uma copia, paginas que podem lêr-se dez vezes, e encontrarem-se sempre mais bellas, e dando uma idéa da perfeição Citaes essas maravilhosas paginas sobre a razão natural, no que não vos imitarei. Depois de as haver lido aqui convinha calar. Mas os que as conhecem, d'esta vez ao menos não serão do vosso parecer, pois ellas lhes patenteam que M. Cousin era a um tempo um grande escriptor e um methaphysico consummado.

Entre os phylosophos francezes, as vossas sympathias são por Condillac; mas aproximaes-vos de Royer-Collard com respeito, como se ouvísseis a sua voz vibrante repetir esta sentença que considerava como uma verdade de todos os tempos e de todos os paizes: «A moral publica e particular, a ordem da sociedade e a felicidade dos individuos estão empenhadas no debate da verdade e da falsa philosophia. Não se assignam limites ao scepticismo; desde que elle penetrou no entendimento, invadiu-o completamente. Não é isto declamar.»

Quando declaraes pela vossa parte, do que vos sou agradecido, que o scepticismo está hoje em uso, não vos acostaes á opiniao d'este grande moralista?

A obra phylosophica d'Allemanha, comparaes-la a uma grande fornalha cheia de fumo, na qual as idéas humanas abstractas, passadas pelo fogo, houveram fervido em cachão, ter-se-iam derretido e destillado, deixando sobre o solo da fabrica escorias inúteis e um metal coagulado Fraco recurso para a direcção moral da nossa miseravel especie! A obra phylosophica de Inglaterra pode os seus materiaes ás sciencias exactas, excluindo tudo, excepto o interesse, dos argumentos que emprega para justificar a sua moral utilitaria. Base bem fragil para o direito, para a justiça, e para o dever!

Na obra phylosophica de França, uma escola francamente espiritualista, cheia de sciencia de tolerancia e moderação, cujo Instituto se honra de possuir os mais altos representantes, entre os quaes ides tomar o vosso logar, segue confiadamente a estrada que leva do facto á abstracção, da sensação á consciencia, e da lei do dever á Providencia: marcha prudente, e a unica que convém a seres tão pouco esclarecidos como nós somos sobre as noções primeiras de todas as cousas.

A philosophia não receia os ex-

trems; ha muito tempo que isto é sabido. Hoje pretende-se fazer do pensamento uma méra secreção do cerebro; um producto chiunico. Mas a chimica conhece os seus limites, e não é ella que os quer exceder.

(Omittimos o resto d'este discurso, porque as passagens citadas são as mais frisantes, e preciosas para um jornal da indole d'este).

SECÇÃO LITTERARIA

MEDITAÇÕES

DIANTE DAS RUINAS DO MOSTEIRO DA SERRA D'OSSA

Em face d'estas ruinas augustas, quem não ha de sentir a inspiração, que brota das cousas celestes?

Atravessei as galerias, os refeitorios, as capellas, os claustros, e tenho chegado á frondosa e vetusta cêrca.

Eis-me na sombria quietação d'esta decrepidez vegetal. Os raios do sol penetram a custo atravez os esgalhos frondentes das carvalheiras, que se enlaçam formando magnifico docel. Como que se vê a brecha divisoria que separa duas gerações: uma grande e extincta; outra leviana e florente. Ainda aqui se sentem as pégadas d'aquelles homens com roupas talares negras, que vinham de passeio sobre um chão povoadó de sepulchros a conversar no campo com o silencio do dia e a solidão da noite.

Os que quizerem retemperar o espirito do cansaço que provém das intrigas e das infamias que corroem os animos nas cidades, venham haurir esta poesia que brota da terra, das arvores, da recordação invejavel d'esses tempos em que o claustro era grande e fecundo.

A alma concentra-se, medita e a omnipotencia do Creador revela-se em cada uma das suas brilhantes manifestações. Sente-se como que o infinito chegar para nós e segredar grandes verdades, excitando commoções entranháveis.

Eu tenho dó d'esses peregrinos, que criam na religiosidade dos claustros, e que as vaidades d'este seculo expulsaram o escarnecem por entre a lama abafadiça das ruas.

No dia em que a civilização, prostituta vestida de miseria e de sedas, alimentada de fome e de fausto, saiu ás praças para derruir as velhas paredes dos conventos, a illustração se véra e profunda retrahiu-se nas do-

bras do passado, e o gorgueio das aves nas balseiras, o cicio da folhagem e o rumor das aguas na bacia das val-ladas começou de ter mais admiradores! Já não era a aspiração elo-quente do estudo que deliciava os es-piritos; era a musica inspirativa das varzeas, das collinas, da poesia volu-vel, que olhava para os templos com os olhos annuaveados pelas sombras do progresso e rindo sarcasticamen-te do velho, que perto do mosteiro, chorava lagrimas de sincera com-paixão!

E mais dó sinto, quando vejo que a profanação das clausuras acabou por guarnecer de milicias as cellas, os refeitórios, onde se guardavam inscripções e memorias, que o alvião do aniquilamento não feriu e que umas e outras eram um registo ma-gestoso d'essa epocha, que sob os pés da soldadesca ignorante e des-piedosa se apagaram e aluíram.

Ai! quantas considerações estão avocando o cogitar d'estes troncos en-negrecidos e musgosos!

Que de ruinas!

Por que vertentes se despenharam os tantos veios das riquezas monas-ticas?!...

Em que baldios se afundiram tan-tas joias engastadas a dentro das frontarias conventuaes?!...

E' tudo vasio e inane!

Quando uma nação, depois de ha-ver vivido largos dias de gloria e de abundancia, chega por decepções e revezes á ladeira escorregadia da decadencia, é então que os brios de-bilitados, precisam de avivar-se no sacro deposito das tradições, porque se me affigura que lendo-se cuidado-samente as folhas dispersas do pas-sado e colligindo-as de novo, volve-riam os esplendores de outr'ora, co-mo pela transfusão do sangue esca-pam da morte enfermos desengana-dos.

E o livro dos conventos deve ter paginas, como as d'um livro de na-vegador, desafortunado na rota; ri-sinhas poucas porque foram poucas as enseadas serenas, onde não luctas-se com vagas montuosas; doloridas muitas porque foram muitas as tor-mentas, onde, ao cabo, fallecido bra-ço e alento, o tripulante cerrou o ro-teiro e se abandonou á Providencia: mas todas verdadeiras e saudosas; porque todas foram escriptas ao lu-miar santo da Cruz e ao reflexo sua-ve da crença.

E depois estas arvores já assisti-ram ao labutar de algumas gerações, já viram quando infantis, as gran-desas de Portugal, para hoje anno-sas, carcomidas, e requeimadas, nos cantarem da sua decadencia apontan-

do para essa memoria immortal da vida monastica, já que o não podem fazer para os antigos confidentes, tan-tos impellidos á voragem da morte; immensos lançados iniquamente para o pelago das torpezas do mundo, e que d'elles; em lucta acerba com a mendicidade e com a fome; cubertos de vaias e de apódos, todos vivendo da oração e da penitencia.

Ou a tempestade açoutasse estas ramadas ou do firmamento azulado, o sol e as estrellas luzissem por en-tre as franças, as mãos desveladas do frade erguiam-se sempre piedosas.

Hoje o vandalismo da civilização consumiu em ruinas o que era au-gusto e promettedor e com o per-passar dos tempos esburacaram-se e encheram-se de heras as paredes; entaipou-se o nicho onde a Santa ve-lava com os olhos a agua que lhe estillava sob os pés, e as recatadas capellinhas, onde o Christo se ani-nhava, transformaram-se na guarida tosea do militante.

Quando ouço desafivelar odios con-tra esses que no verdor dos annos, amparados pela fé, vestiam a morta-lha que os havia de acompanhar ao sarcóphago, como que assisto á reac-ção continua do luxo, da crapula, da sensualidade, da devassidão emfim,— contra as virtudes e contra o saber com que eramos presenteados por aquelles devotos da solidade claus-tral.

Consola-me a ideia de que os obrei-ros do futuro hão de um dia des-entranhar muito ouro e muita arte incorporados no ossuario do passado, para inquerir do abatimento do pre-sente e precavorem-se de tão tremen-do mal. Deve ser uma resurreição esplendente, exhumar-se da vasta ne-cropole da historia esses monumen-tos sublimes, que a parcialidade de uma geração contaminada abriu á rapina, á especulação e á furia dos iconoclastas.

Ainda uma outra alegria; poucos viajantes são os que deixam passar sem uma visita minuciosa esses tem-plos que elevam, agora mesmo, que a maior parte d'elles teem as cruzes apoadas e truncadas as estatuas e as lendas, em que outr'ora, se reviam estes pobres carvalhos e todas essas arvores que ainda hoje se ostentam nas antigas cercas.

Tudo isto para mim é prenuncio de que uma idade mais opulenta de civilização, que não transforme as igrejas em fabricas e que não dê a vida da humanidade em repasto á ambição dos grandes, ha de reedifi-car essas escolas d'onde brotou para a grande familia social, religião e sa-ber, as duas alavancas mais firmes

para erguer uma nação ao supremo fastigio.

Os que se azedarem com a leitu-ra d'estas linhas, volvam os olhos para o berço onde nasceram, que lá hão de achar, ainda humodecidos por uns boijos de mãe, a toalha do bap-tismo, — e os que andam atarefa-dos n'esse lidar da civilização, pa-rem um pouco, para me dizer onde é o termo d'esse caminho por meio do qual nem uma cruz se vê ergui-da!?

Tudo é mudez!

O' vós, arvores gigantes, que bra-cejaes na amplidão o que tendes a seiva ubertosa para frondear essas virgultas que se alam para o céu, pedi a Deus, comigo e na vossa lin-guagem sublime, o carinho d'aquel-las mãos que não lançavam o fogo á medulla — ao vosso coração innocen-to; — nem golpeavam a epiderme que vos preserva dos rigores do tempo.

Quem vos diria, quando arbores-centes, que amaro destino seria o vosso!

De cada vez que paro em frente d'estas ruinas é sempre melancolica a impressão que me fica.

(Um soldado portuguez).

VOLTAIRE

.....
Foi sessenta annos da harmonia o nume.
Cingindo á frente os laureis mais varios,
Ganhando em tudo uma victoria prompta.
O nome de Voltaire adorna a França,
Mas caro nos vendeu alto legado,
Quando livre no exilio, e pela idade
Já longa protegido, o independente
Arrojo d'esse espirito fogoso
O espirito do seculo assombrado
Fatal avassalou; quando, sedento,
Na crescente ambição, tentou vaidoso
Lançar do throno o Deus da nossa crença!
De Ferney, arsenal dos seus trabalhos,
Sobre a Europa agitava o mago facho,
Que para em chama a pôr, fulgio trinta annos.
Potente em derribar, sua impiedade
Deu tremendo sacão, furioso e cego,
Da terra aos thronos que no céu se escoram
Protheu flexivel, tinha já nascido
Fadado á seducção: oppostos meios
De agradar, de pungir, epilógava;
O fecundo multiplique veneno,
Sabia propagar por varias fórmas,
Illudindo a razão, ou verberando
C'o latego da satyra, ou mentindo,
Ou profuso espargindo o sal e a injuria.
Cem mascaras ao rosto da impostura
Applica sem cessar: insulta o sabio,

Engana o pobre ignaro, e a até ao vulgo
O espirito rebaixa; o vicio é brinco,
O escandalo, uma escola em seu systema,
Tornando aguda e frivola a blasphemia,
N'um traço alegre lhe forçava o curso:
Tirando o antigo peso ao são juizo
O exame repelliu, fez ter vergonha
Do escrupulo mais justo, e deu nobreza
De vão incredulo ao titulo funesto!

CHATEAUBRIAND, traducção de *Mendes Leal*.

A CIGANA

POEM

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

VIII

(Continuado do n.º 14)

—Está ahí dentro—respondeu Edmunda com a maior naturalidade.

—Ahi dentro?!—repetiu Roberto, sorrindo-se ao mesmo tempo que pensava ser aquella resposta uma outra originalidade de tão estranha creatura.

Porém Edmunda repetiu com gravidade:

—Sim, está ali dentro minha mãe em companhia da tua.

A joven cigana enganava-se porque a marquezia, occulta entre os amplos cortinados d'uma janella, comprazia-se em ouvir as palavras de sua filha, a occultas das vistas dos dois jovens.

—Minha mãe,—continuou Edmunda—quer levar-me em sua companhia; mas eu não quero deixar a tua, que de mais carece de mim, que tenho de cural-a. Assim ella consente em me deixar aqui, onde ha campos vastissimos, onde ha um formoso céo e um sol todo formosura.

—E ficarias aqui contente, Edmunda?

—Oh, sim! muito contente! tu me emprestarás tua guitarra e eu te cantarei formosas canções, sem receio de que a Violanta venha ralhar-me, sem medo que venha d'aquí tirar-me, porque teremos fechadas as portas.

—E tua mãe?

—Ah, minha mãe!—repetiu a cigantina um tanto confusa.

—Sim; que fará tua mãe sem ti?

—E que ha feito até hoje?—respondeu repentinamente, e com uma

expressão severa, a innocente creança.

—Buscar-te, chorar continuamente.

—Não, de certo; minha mãe é formosa e rica, e como eu sou pobre e não sou bonita, não quererá levar-me; melhor será assim.

—Porque?

Porque continuarei a viver em vossa companhia, porém, oh, meu Deus!—proseguiu a cigana, cravando uma vista de assombro e de pezar em uma porta situada á sua direita. Oh, Deus meu! quem está ali?

Voltou-se Roberto e quedou-se estupefacto ante a adoravel figura de Valeria.

Esta, cançada já de estar a sos com Joanna, que continuava no seu profundo dormir, e para satisfazer a curiosidade, bem propria na sua idade, havia saído ao corredor.

Quando lhe tiraram o chapéu haviam-se lhe desprendido os abundantes cabellos louros, que agora lhes caíam graciosamente pelas costas e hombros e lhe brincavam na fronte e nas carmineas faces.

A figura de Valeria era extraordinariamente formosa, distincta, prenhede graça e de elegancia: a seda *gris-perle* de seus vestidos fazia um precioso contraste com as brancas rendas que guarneciam as calças de fina batista e com o callo do mesmo genero: cahiam os dourados cabellos e confundiam-se com as amplas pregas da capa de veludo, que quasi se havia desprendido de seus hombros, formando assim um contraste admiravel a côr dourada e vaporosa d'elles, com a côr negra d'aquelle manto roçagante.

A côr azulada de seus olhos, a brancura de tez quasi diafana, as mãos de marfim e o rosado dos finos labios que desenhavam a delicada bocca, faziam de Valeria um typo tão angeliço, tão puro, que Edmunda e Roberto permaneceram alguns momentos contemplando-a arroubados.

Era, porém, bem distincta a expressão que se retratava nos rostos dos dois: no de Roberto adivinhava-se uma doce surpresa; no de Edmunda uma dôr espantosa.

IX

A cigana mais vehemente ou mais atrevida, como verdadeira filha das selvas, aproximou-se da loura e timida Valeria tomou-lhe da mão, e com ares ousados e um pouco celericos, arrastou-a para junto de Roberto.

Depois mirou-a da cabeça até aos pés, cruzou os braços sobre o peito, collocou o pé direito adiante do ou-

tro, e com ares de ousada provocação perguntou-lhe:

—Quem és?

—Sou Valeria,—respondeu timidamente a formosa menina.

—Valeria!—repetiu a cigana com voz sumida:—Quereis roubar-me o meu nome?

—Este nome é o meu,—respondeu a infantil viajante com uma admiravel expressão de candida singellessa.

—Eu me chamo assim,—replicou Edmunda com azedume—assim me chama minha mãe, entendeis?

Valeria encolheu os hombros e acercou-se de Roberto

—Ha visto por aqui minha mamã, cavalheiro?—perguntou depois de o saudar graciosamente com a cabeça.

—Não, menina.—contestou o joven, que não podia livrar-se da surpresa causada com a apparição d'aquella creança—e como visse que ella se callava, perguntou por sua vez:

—Está acaso vossa mamã aqui?

—Sim, senhor—respondeu Valeria—aqui se acha, porque chegou quando a mim.

—Não tinha noticia de tamanha honra,—disse Roberto, que havia aprendido com sua mãe os graves e graciosos modos da polida cortezania.

—Quebrou-se a nossa carroagem de posta,—proseguiu a menina—e os vossos creados tiveram a bondade de nos dar gasalhado n'esta formosa quinta, até que da cidade visinha nos venha composta.

—E a que hora?

—Cerca da madrugada.

—Nada podia saber então,—replicou Roberto—porque me achava um pouco indisposto; mas agora que o sei, procurarei servir-vos em tudo: quereis, pois, vossa mamã?

—Sim, senhor.

—No quarto de minha mãe não estará ella certamente, porque me disseram que estava dormindo; mas talvez esteja no jardim: Edmunda, vae vér se a encontras.

A cigana não se moveu.

—Não disse ha pouco esta rapariga, que se chamava como eu?—reparou Valeria com um meio sorriso, que tinha tanto de desdenhoso como de lastima.

—Penso que o seu juizo não está muito são—respondeu Roberto com um sorriso que muito se assemelhava ao da sua hospeda.

Ambos se voltaram para a cigana e assustara-os o seu aspecto: com as faces afogueadas, os olhos centelhantes e os punhos cerrados, dir-se hia prestes a lançar-se sobre Valeria. Esta impallideceu, como se um

grande perigo de perto a ameaçasse, e aproximando-se mais de Roberto apoiou-se ao seu braço, murmurando:

—Tenho medo d'essa joven!

—E mais, minha cara menina, é ella bem inoffensiva; porém, vamos d'aqui. Se minha mãe é já desperta, a vossa, com certeza, estará em sua companhia.

Roberto e Valeria dirigiram-se ao quarto de D. Antonia, seguidos de Edmunda, que os olhava angustiada. E quem de perto a observasse, surprenderia em suas morenas faces duas lagrimas grandes, amargas, que seus olhos haviam deixado cair e que ella, a pobre creança, não tentava enxugar.

Que se passava então na alma ardente e impetuosa d'aquella creatura apaixonada, d'aquella florinha agreste? Só Dous o sabe!

Quando os dois jovens chegaram perto da porta, pareceu despertar do letargo em que estava submersa e correu para elles.

Então já em seu semblante não havia a expressão de amarga pena: em seus formosos olhos adivinhava-se a humildade e a supplica, e dirigindo-se aos dois jovens a quem tomou as mãos ao mesmo tempo que lhe dizia, com voz doce e commovida:

—Não entreis! não entreis!

—Porque?—perguntou Roberto.

—Desfarieis meu conjuro, e a senhora morreria.

—Oh, Deus meu! é bruxa, ainda para mais!—exclamou Valeria com terror

Edmunda fixando n'ella uma vista triste e grave ao mesmo tempo, disse com a maior serenidade:

—Violanta ensinou-me a curar todas as molestias do coração.

—E quem é essa Violanta?—perguntou Valeria, em quem podia mais a curiosidade que o medo.

—Uma cigana velha, que me batia muito, mas que era muito entendida.

—Era tua mãe?

—Não!

—Porque, então, a não deixavas, visto que te maltratava?

—E para onde havia eu de ir? era a pergunta que eu fazia sempre a mim mesmo e para que não encontrava resposta. Um dia, porém, tanto me bateu, alli perto d'esse campo, que eu me resolvi a fugir-lhe.

—Coitadita!—murmurou Valeria, tomando uma mão de Edmunda, perdendo assim todo o temor que lhe ella inspirava. Pobresita,—continuou—eu ignorava que podessem haver taes desgraças! não sabia que uma menina da minha idade podesse ser tão

desgraçada, que soffresse fome e pancadas enquanto eu passava os dias envolta em sedas, entre flores, perfumes e joias!

—Assim tens vivido tu?—perguntou Edmunda.

—Sim! tem sido este o meu viver!

—Qual a causa, porém, porque estás palida e triste?

—Porque penso constantemente em meus paes!—murmurou Valeria ao mesmo tempo que seus lindos olhos se marejavam de lagrimas.

—Então não vives ao lado de tua mãe?

—Não! perdi-a quando tinha apenas seis annos. A marquezeta de Valde-flores encontrou-me um dia á borda d'um caminho, adoptou-me por filha, e fez que eu me chamasse com o nome d'uma filha que havia perdido.

(Continua).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

I

DESCOBERTA DA AMERICA

pelo

Dr. Pereira-Caldas

Vamos tarde fallar d'uma obra que devemos á amizade do distincto professor, da sabio historiador, o nosso conterraneo dr. Pereira-Caldas, mas mesmo tarde se vae a tempo quando a demora não é motivada por outra cousa que não seja o trabalho que sempre nos rouba o tempo. E de mais, que podemos nós dizer d'uma obra firmada por um nome tão conhecido no mundo das letras, tão acatado por todos os amadores do que é bom, tão respeitado por todos os sabios?

Nada, por certeza, podemos dizer, que bem pouco vale a nossa opinião para trabalhos de tanta monta. Guardamos, pois, silencio, e fazemos ouvir só os nossos agradecimentos.

II

ATRAVEZ DO CONTINENTE NEGRO

por

H. M. Stanley

De ha muito que devemos á empenha que se propoz publicar a traducção d'esta obra, com o nosso agra-

decimento, algumas palavras ácerca de tão interessante livro.

Quando tanto se falla de viagens, quando os exploradores são os idolos aos pés dos quaes se queima todo o insenso, ministrado muitas vezes pela lisonja, não vem fóra de proposito a narração das viagens do grande explorador Stanley.

Não podemos, portanto, deixar de apreciar esta publicação mesmo quando a abre um prologo do traductor, onde a verdade se diz *pura e crua*, como hoje não é uso dizer-se, quando se trata de padres e missionarios.

«Rasgar ao mundo as trevas, em que ainda hoje se envolve aquelle continente, abrir mil veredas por onde podesse caminhar ávante á roda do progresso; lançar a luz brilhante da sciencia nos cerebros obscuros dos seus habitantes; prégar-lhes os sãos principios da sociabilidade e do trabalho, da moral e da religião, eis o fim gigantesco d'essas novas cruzadas. E os missionarios portuguezes desempenharam brilhantemente o seu grandioso mister!

Portugal olhando seu passado de grandeza verá no primeiro plano estes nobres vultos—os missionarios—destacarem-se envoltos n'um manto de gloria e de martyrio; dove a elles um grande numero dos seus factos gloriosos.»

Eis as palavras do traductor, que folgamos de lêr, assim como folgamos de registrar aqui para não deixar esquecidos os verdadeiros exploradores, aquelles a quem a patria tanto deve, e de quem se esquece, para só se lembrar d'aquelles que, depois d'um poqueno passeio, lhes veem pedir a paga dos seus *grandes* serviços.

III

O MATRIMONIO

Sua lei natural, sua historia e sua importancia social

por D. Joaquim Sanchez de Toca

TRADUCÇÃO DO

B.º Luiz Beltrão da F. P. de Freitas

E' contra a familia que hoje se conspira, porque fazendo baquear a familia, desaparecido que tenha esse santo asylo onde se repetem os ensinamentos da Igreja, e conservando o homem nos cafés e nos theatros durante a noite, facil, mui facil será fazel-o esquecer de Deus, não se lembrar de procurar a igreja. E depois, sobre os escombros de tudo isto, julgam poder implantar o puro atheismo, esquecidos de que a familia é a

base da sociedade e que esta foi, como aquella, instituida por Deus, e que tudo que Elle instituiu sobre a terra hado passar, atravez de seculos, indifferente aos embates da impiedade.

Fallando do *Matrimonio*, que o editor d'esta revista publicou ha tempos e de que hoje offerece aos assignantes do *Progresso Catholico* alguns exemplares que ainda lhe restam, não podemos dizer mais do que dissera a imprensa de todas as côres de Portugal e do Brazil, quando a edição foi feita.

Conduzir os leitores para o annuncio que hoje se publica na folha solta d'este numero é só o que fazemos, porque com a sua leitura de sobra se ajuisa a importancia da obra.

Temos a agradecer a visita do nosso excellente e illustrado collega de Bombaim, a «India Catholica», e bem assim a da «Estrella Povoense, e «Monitor Transtagano».

Por hoje ficamos aqui, deixando para o n.º seguinte o fallar de outras obras.

F. DE GUIMARÃES

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO:

Um verdadeiro apostolo da civilização; novos soldados da Cruz; um conselho.—O rendimento d'um convento e uma pergunta.—O que fazem os religiosos congreganistas em França.—A nossa admiração ante o fanatismo que vai na America.—Uma festa na Madeira.—O padre Secchi honrando a Companhia de Jesus—O centenário e o nosso esquecimento.

O arcebispo de Argel, Mgr. Lavigerie acaba de organizar um pequeno exercito, formado de jovens e esforçados mancebos, que outr'ora compunham as agueridas hostes do Papa sob a denominação de Zuavos pontificios.

Penalisava o coração do esclarecido arcebispo o mallogrado de todas as expedições, que d'aquella sua cidade partiam para o interior de Africa, devido unicamente á pouca fidelidade dos que as escoltavam. Uma inspiração divina veio tiral-o de taes embarços, apontando-lhe um meio seguro de levar a bom termo as expedições catholico-cientificas.

Era a formação d'um pequeno exer-

cito, que escoltasse fielmente os missionarios e ensinasse aos povos os diversos misteres necessarios á vida.

Ao brado do arcebispo responderam, apresentando-se, os zuavos pontificios espalhados pela França e Belgica, promptos a dar o seu sangue pela causa da Egreja, que é a da civilização.

Eis como um collega descreve a cerimonia do juramento e de serem armados os novos cavalleiros da Cruz:

«Em certo dia, marcado para tal cerimonia, os soldados das missões, assim chamados, na cathedral, vestidos pelo seu antigo modo (zuavos) trocado apenas o kepi pelo fez vermelho, caminhavam em boa ordem aproximando-se do altar mór.

Quando se encontraram juntos do arcebispo, todos desembainharam as suas espadas, que foram abençoados por Mgr. Lavigerie, depois de ter feito sobre o assumpto um discurso cheio de fogo e unção.

Depois o chefe d'aquelle grupo de soldados de Christo recebeu do venerando prelado a sua espada, que, ao entregar-lh'a lhe disse:—usae d'esta espada na defeza dos interesses de «Deus e nunca a empregueis em causas injustas».

O capitão, recebendo do arcebispo o beijo de paz, a seu turno voltando-se para seus companheiros a um e um foi entregando as respectivas espadas depois de ter batido com a prancha por tres vezes na espada de cada um, dizendo-lhes: «sede um soldado pacifico e tão valente quanto fiel e religioso».

Depois cada um d'elles fez o seu juramento d'obediencia nas mãos do arcebispo, e recebeu do superior dos missionarios uma cruz para trazer consigo, enquanto durasse o serviço.

O juramento que fizeram foi o de ajudarem os missionarios em todas as difficuldades, em que se encontrassem; em defender as caravanas e os acampamentos, tanto de dia como de noite, contra as feras, ladrões e assassinos; a triumphar, enfim, por sua attitudo energica da má vontade dos indigenas, empregando-se tambem no ensino da religião aos pobres selvagens, sob a direcção dos missionarios.»

E lá foram para o interior da Africa os soldados da civilização sem outra esperança mais que a de ser uteis á humanidade; porque ninguem virá depois, nem elles mesmos, pedir ás camaras do seu paiz que lhe votem grandes reformas, que lhe paguem os serviços prestados.

Lembramos ao «Commercio de Portugal» que tanto nos falla em ir á Africa, uma boa occasião para elle dar

o exemplo de quanto ama as expedições, indo-se alistar no novo exercito que lá anda de espada em punho a defender os verdadeiros exploradores—os missionarios.

Vá, vá collega, e deixe-se de palavriados, como já lhe temos aconselhado mais vezes.

Do nosso collega do «Conimbricense» transcrevemos, com a devida venia o seguinte, que mostra o rendimento do magestoso mosteiro de Santa Cruz em Coimbra:

«Podemos obter a minuta da receita e despeza do mosteiro de Santa Cruz d'esta cidade, nos tres annos economicos de 1 de Julho de 1828 até 1 de Julho de 1831.

E' um documento curioso, e talvez hoje não exista outro elemento egual para avaliar a importancia d'aquelle mosteiro.

Limitar-nos-hemos a reproduzir o que diz respeito a um dos annos economicos—1 de Julho de 1828 a 1 de Julho de 1829.

Começaremos pela receita.

Dizimarias arrendadas 11:198\$500 réis—Ditas por administração réis 3:746\$375—Foros da cameraria, laudemios, enxovaes e miudezas 2:675\$170 réis—Ditos da procuração, quintas e celleiro 3:892\$625 réis—Somma o rendimento d'este anno 21:512\$670 réis.»

Calcullem os nossos leitores, pelo rendimento d'esta casa, que não era, de certo, das mais ricas, a quanto montaria o rendimento de todas as casas religiosas do paiz!

E já que estamos com as mãos n'isto, façamos uma pergunta, que muito desejamos tivesse uma resposta:

Para onde foi todo este dinheiro?!

Fazemos a pergunta, não porque seja nosso intento entrar nas questões do thesouro, mas vendo que o estado d'este não melhorou, e notando que talvez se estraviassem os bens dos frades é a razão porque o fazemos.

M. Reller, distincto deputado catholico, acaba de publicar uma obra que tem merecido os emboras de todos os amigos da verdade, pelos dados curiosos e certos que n'ella apresenta. D'elle tiramos os seguintes apontamentos que podem servir para mostrar o que a França deve ás congregações religiosas:

Segundo os dados apontados por

M. Reller, o numero de alumnos que recebeu instrucção dos religiosos congregatistas ascende a 2.208:919; o numero dos enfermos a que os mesmos congregatistas assistem é de 114.259; acolhem-se nos asylos e officinas por elles sustentados 60:205 pessoas; nas casas de correcção, de regeneração etc. 14:361, e por ultimo os surdos-mudos ensinados, sustentados e servidos pelos religiosos são 11:421!!

Eis os fructos do *fanatismo* catholico! Quando os republicanos francezes, ou os revolucionarios de todos os paizes poderem fazer o mesmo em nome da *liberdade, igualdade e fraternidade*, que tanto apregoam, estaremos com elles

Estamos admirados com uma noticia que encontramos nos jornaes estrangeiros, e que vem desmentir os jornaes da carangujolla dos tres pontinhos da d'este nosso paiz. Não deixam estes faroes da *civilisacão* de gritar aos padres: — *para a Africa, para os sertões da America, que é lá que se carece das luzes do Evangelho!* E nós estavamos na persuasão de que assim era e quasi andavamos a fazer coro com elles; mas quando nos faltava só o *quasi*, eis que encontramos a seguinte noticia:

«Apenas foi declarada a guerra entre o Chili e o Perú, o Vigario Capitular de S. Thiago, e os demais Bispos ordenaram preces publicas durante o tempo em que durou a guerra. Isto mesmo se faz em todas as egrejas do paiz. Muitos padres abandonaram suas casas, onde podiam viver socegradamente e se foram apresentar no meio das tropas como capellães, prodigalizando os soccorros da religião aos soldados do Chili, e aos do Perú, posto que adversarios. As *Irmãs da Caridade* e as da *Providencia* transformaram todas as suas casas em hospitaes para os feridos, foram assistir-lhes no campo de batalha. Officiaes e soldados, antes de partirem para o combate, iam pedir á Casa do Senhor a protecção do Rei e da Rainha dos exercitos, confessavam-se, assistiam á missa, e no fim d'ella recebiam o *Pão Eucharistico*, que é o *pão dos fortes*. Rezavam depois o santo *Rosario* e partiam em seguida para os campos de batalha como n'aquelles tempos, em que os nossos maiores, cheios de fé, que não conhece difficuldades, corriam a cingir a nobre corôa do valor e heroismo.»

A' vista d'isto, do *fanatismo* que por lá vae, igual ao que por cá se obser-

vava nos tempos de Affonso Henrique e D. João I, que tambem (pobres carolas!) resavam antes de entrar em batalha, o melhor é deixar cá estar os padres

Deixemos ouvir a opinião dos *commerciarios* e quejandos a taes respeito.

E' sempre com o maior prazer que lemos a «Verdade», do Funchal, que sempre nos traz noticias agradaveis para nós e para todos os corações catholicos. Ahi vae uma que não podemos deixar só para nós:

«Domingo ultimo teve logar na ermida da Penha de França uma festa em louvor de Nossa Senhora da mesma invocação, sendo promotores d'esta solemnidade religiosa os meninos, discipulos da aula de catechisimo.

E' já um bello fructo produzido pela educação religiosa que aquellas creanças recebem, ministrada pelo zeloso e incansavel capellão d'aquelle sanctuario, o Revm.^o Snr. Padre Ernesto Schmitz, pertencente á Congregação das Missões. Não se pôde exceder o zelo e actividade d'aquelle sacerdote, que se dedica todo á educação religiosa das creanças e aos exercicios de piedade.

N'aquella sympathica solemnidade foi orador S. Ex.^a Revm.^a o Snr Bispo Diocesano, que assistiu á festa. O douto Prelado louvou aquellas creanças pela sua piedade, mas advirtiu-os principalmente que as festas não são agradaveis a Deus pelas exterioridades, sendo por isso necessario que os promotores d'aquelles cultos se saibam conduzir na sociedade como verdadeiros filhos e devotos de Maria Santissima, tomando por modelo o Menino Jesus e sua mãe, especialmente na festividade que se celebrava n'aquelle dia, da fugida ou desterro de Nossa Senhora para o Egypto, aprendendo com aquelles dois personagens do Evangelho a supportar os trabalhos, soffrimentos e contrariedades da vida. S. Ex.^a Revm.^a indicou aos seus ouvintes qual o verdadeiro modo de celebrar as festas christãs, notando que a verdadeira piedade exige que aquelles que se empenham no culto de Deus se disponham por meio de uma boa confissão, arrependimento dos peccados e proposito firme de emenda, e pela participacão da Sagrada Eucharistia, para receberem os dons do céu e as bençãos de Maria Santissima, pois que o coração puro é mais agradavel a Deus do que todas as exterioridades estereis.»

Nem em toda a parte os pedestaes servem de sustentaculo ás estatuas dos homens da prepotencia e da tyrania. Louvores a Deus, tambem a sciencia e a virtude tem estatuas.

A municipalidade da cidade de Roma acaba de erigir no formoso passeio do Pincio uma estatua em honra do revd.^o padre Secchi, da Companhia de Jesus, o mais sabio dos astrónomos do nosso seculo.

Esta estatua é de proporções gigantadas.

A physionomia do grande astrónomo foi tirada com admiravel fidelidade. Traja a roupeta da Companhia de Jesus; pende-lhe do pescoço por um pequeno cordão uma luneta, sua inseparavel companheira. A capa cai-lhe sobre o lado direito negligentemente com abundancia do dôbras muito ao natural.

Os verdadeiros Romanos regosijam-se por este acto de justiça para com o illustre jesuita.

Essa estatua erguida no passeio do Pincio é um protesto contra a prepotencia, contra a ferina malvadez do marquez de Pombal, contra a selvagem lei Ferry, e contra o vozear estulto e pedante dos inimigos dos filhos de Loyola.

E lá se nos vae o espaço que nos é dado n'esta folha, e só agora nos lembramos felizmente a tempo do Centenario de Camões!

Quando todos os jornaes fallam, quando por toda a parte são preparativos para a festa, não dizer nada o «Progresso Catholico» sobre tão monumental acontecimento, caso é de grande reparo. Mas como para Camões tudo vem tarde, nós mesmo depois de passar o dia, podemos ir á romaria.

Se nós vivramos no tempo do grande poeta dar-lhe-hiamos com que matar a fome, exercendo a caridade; visto que não lhe podemos fazer isto, do que elle bem carecia, tambem não seriamos dos que, depois de passados 300 annos, lhe offertam *foguetes e grizetas*.

J. DE FREITAS.

FOME NA IRLANDA

Subscrição aberta por esta redacção.

Transporte do n.º 14. 85\$100
(Continua aberta).